

A TRANSLINEAÇÃO EM TEXTOS INFANTIS

Nadja da Costa Ribeiro Moreira *

Resumo

Nesse trabalho identificam-se critérios quantitativos e qualitativos reguladores das translineações em 322 textos narrativos de crianças brasileiras, mexicanas, argentinas e uruguaias, de 2ª. e 3ª. séries, de escolas públicas e privadas, coletados como parte de um amplo projeto comparativo entre as línguas portuguesa, espanhola e italiana (Ferreiro et al., 1996). Nos textos brasileiros focalizam-se as estratégias de translineação, relacionando-as a outros aspectos da aquisição ortográfica (segmentação de palavras) e da organização textual (pontuação).

Palavras-chave: translineação; hífen; ortografia; aquisição da escrita.

Abstract

The research reported here attempts to identify quantitative and qualitative dimensions that rule the segmentation of words at the end of the graphic line. The analysis was made on a corpus constituted by 322 texts produced by Brazilian, Mexican, Argentine and Uruguayan children from elementary schools (public and private ones). On the Brazilian texts the analysis was expanded in order to relate strategies of segmentation to other aspects of orthography.

Key words: translinearity; hyphen; spelling; written language acquisition.

1 INTRODUÇÃO

A noção de palavra, nas ortografias alfabéticas, está diretamente vinculada à escrita. Embora exista uma noção intuitiva de “palavra” e uma percepção natural de sílaba (na-

tural porque mesmo falantes analfabetos usam-na em jogos de rima ou até na construção de linguagens enigmáticas, por exemplo, a “língua do pê”), a translineação - partição da palavra em duas partes ao final da linha gráfica - exige a recorrência a noções normativas (nem toda fronteira silábica fonológica corresponde a uma fronteira de translineação da palavra escrita), ao mesmo tempo que requer do usuário da escrita noções mais estáveis dos limites das palavras. Requer também a introdução de um sinal capaz de marcar que a seqüência de letras encontrada ao final da linha se completa na linha seguinte - o hífen.

Assim, enquanto a separação da palavra exige consideração para aquela unidade que está sendo escrita, o uso do hífen vai um pouco além. É uma marca que se adiciona à unidade que se quer separar, não fazendo parte do sistema alfabético. Por ter essa natureza, se relaciona aos outros sinais “não-letras” que, em um texto, funcionam para estabelecer relações entre as suas partes - os sinais de pontuação.

Nas gramáticas normativas o hífen não é geralmente classificado como um sinal de pontuação. Para alguns trata-se de uma notação léxica, elencada junto aos acentos, apóstrofo, cedilha (Mendes de Almeida, 1992, p.70). Para outros (Cunha, 1976, p.591), um dentre outros sinais que não se incluem nem entre aqueles que “fundamentalmente servem para marcar as pausas” (como a vírgula, ponto, ponto e vírgula), nem entre os que essencialmente “marcam a melodia, a entoação” (como os dois pontos, o ponto de interrogação, exclamação, reticências, aspas, parênteses, colchetes, travessão). É um sinal marginal, assim como o parágrafo, a letra maiúscula, o itálico, o negrito etc., sinais que podem “ter valor expressivo”. Para outros, o hífen não parece fazer parte do conjunto de sinais. Em um manual de pontuação, Beltrão e Beltrão (1979), ao listar quinze sinais, incluem a sublinha, o asterisco, a barra, mas não o hífen.

* Professora da Pós-Graduação em Lingüística da UFC; Doutora em Lingüística Aplicada pela PUCSP.

Diferentemente desses autores, supomos que o hífen é uma marca de organização do texto. Embora não se vincule às relações entre estruturas textuais, assim como a vírgula ou o ponto, vincula-se às relações entre partes menores do texto – as palavras, pois é usado para marcar a ligação entre as compostas (p.ex., guarda-roupa), entre pronomes oblíquos e verbos (p.ex., disse-lhe) ou para indicar a partição da palavra (di-_|_go).

Embora existam os processadores de texto que automaticamente formatam as linhas gráficas com ou sem translineação (o que idealmente, se todos tivessem acesso a processadores de texto, poderia dispensar qualquer conhecimento do uso desse recurso), as idéias originais de escritores principiantes sobre a separação de palavras que não cabem na linha gráfica podem muito nos dizer sobre uma série de coordenações entre o oral e o escrito. Paralelamente, o uso do hífen pode nos ajudar a entender a evolução da organização da delimitação textual, no processo de aquisição da representação escrita da linguagem.

Diferentemente do que ocorre com a ortografia de palavras, cujas evidências apontam para o papel preponderante da informação visual, a translineação não decorre de assimilação visual de palavras individuais, já que uma mesma palavra pode sofrer separações diversas, por exemplo, *Cha-/peuzinho*,¹ *Chapeu-/zinho*, *Chapeuzi-/nho*. Tampouco decorre da informação morfológica, pois não se separa, por exemplo, a palavra *desunir* em *des-/un-/i-/r*. Embora com frequência a separação possa ser feita com base na pronúncia das sílabas constitutivas da palavra, a informação fonética também não é suficiente. Os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, que junto ao núcleo vocálico constituem uma só sílaba, partem-se ao meio na translineação: *er-/ro*, *is-/so*, *cres-/cer*. Caso inverso se dá com o “dífono” *x* [ks] que, em uma palavra como *fixo*, por exemplo, embora numa divisão silábica rigorosamente fonética seja partido em [fi-ki-su], apresenta uma divisão silábica distinta na translineação, *fi-/xo*.

Além dessa complexidade, há ainda as vacilações sofridas por inúmeras palavras na separação silábica, em especial aquelas com ditongos decrescentes seguidos de crescente. No oral, uma palavra como *meio* pode ser segmentada em *me-io* ou *mei-o*. Na escrita, o ditongo decrescente, considerado indissociável, prevalece sobre o crescente, determinando a separação *mei-|o*. Tal separação, no entanto, esbarraria nas recomendações ortográficas: “Evitem-se partições que em fim ou começo de linha isolem vogal (*a-|sa*, *mei-|o*)” (Luft, 1985, p.121).

Textos produzidos por crianças de 1ª. e 2ª. séries frequentemente apresentam rasuras em partes de palavras que não cabem no final de uma linha e sua reescrita na linha seguinte. É como se, num primeiro momento, a palavra fosse um todo indivisível. Contudo, nesses mesmos textos, são

freqüentes as segmentações não convencionais. Que exigências originais estariam impondo critérios tão rígidos sobre a separação de partes de uma palavra no final da linha simultaneamente a outros tão flexíveis sobre a sua segmentação? Quais os princípios reguladores do que pode ou não ser separado?

Além de identificar os elementos separáveis é necessário, ao escritor, marcar o que vai separar. Em outras palavras, é preciso utilizar o hífen, mesmo sabendo que o leitor faz uso de estratégias de antecipação, de predição e que não precisa de marcas que lhe indiquem a incompletude de uma palavra, assim como não precisa de marcas que lhe apontem a incompletude de uma frase iniciada em uma linha e terminada na linha seguinte.

Esse mesmo hífen de translineação de palavras é usado por algumas crianças para assinalar a “translineação” de frases. Por exemplo, Watson, criança paranaense, de 2ª série, escola pública, constrói seu texto usando rigorosamente o hífen talvez para indicar que a frase continua na linha seguinte. Vejamos:

O chapelzinho vermelho

A mãe de chapelzinho vermelho mando ela leva do senhos pra vovó. Dai a mãe de chapalzinho vermelho mando ela i polo caminho mas perto. Mas chapelzinho vermelho de salbedeceu a sua mãe e foi pela floresta. Ela foi indo viu um lobo mau e feis uma aposta o lobo dise quem chegar na casa da vovo vai ficar com os bombons. O chapelzinho vermelho topou e o lobo mal chegou por primeiro e engoliu a vovó.

Para Watson, a maiúscula inicial e o ponto final de frase talvez não sejam suficientes para assinalar que os limites de frase não coincidem com os limites de linhas gráficas. Seria necessária uma marca para assinalar essa não coincidência. Outra interpretação seria a de que Watson já sabe que se usa o hífen no final da linha, mas ainda não identificou as unidades a que ele se aplica.

Se o uso convencional do hífen na translineação de palavras, a rigor dispensável para a leitura, revela consideração para com a organização do texto, o uso não convencional do hífen para separar frases também poderia revelar a mesma consideração. O produtor utilizaria um recurso que lhe é desnecessário, mas exigido, em um outro contexto, o de palavras, pelas convenções notacionais da escrita, em consideração tanto ao texto quanto ao leitor.

As considerações para com o leitor aparecem na única pesquisa que conhecemos sobre translineação. Kaufman (1988), investigando essa questão em crianças de 2ª série, encontrou a prevalência do critério quantidade para decisões sobre aquilo que pode ser separado: deixar uma só letra é um procedimento rejeitado pela maioria das crianças.

¹ O final de linha gráfica está representado por uma barra vertical “|”.

Solicitando-lhes justificativas para essa rejeição obteve respostas que indicavam o que chamou de critério funcional. “Uma letra só não diz nada”, “Quanto mais letras melhor se entende” foram respostas de crianças, indicando a consideração infantil pela facilitação do acesso ao significado como um critério para decisões sobre a organização textual.

A relação do leitor com o produtor do texto, ao longo da História, sofreu inúmeras mudanças, determinadas, em grande parte, pela forma de apresentar o pensamento escrito. Foram as mudanças nas convenções gráficas usadas para a transcrição do texto os fatores determinantes, nas culturas do mundo mediterrâneo, das diferentes habilidades cognitivas exigidas para a leitura (Sanger, 1995). “A ausência de espaços e de pontuação entre as palavras, no final da Antiguidade, era reflexo de uma relação peculiar do leitor dessa época com o livro. (...) A idéia de que a maioria da população devessem ser leitores autônomos e automotivados era inteiramente estranha à mentalidade elitista do mundo antigo” (p.222). Com a introdução dos espaços entre palavras, no início da Idade Média, a tarefa de separar as palavras que até então era “uma função cognitiva do leitor, tornou-se uma função do escriba”. Em outras palavras, foi a consideração para com o leitor, a intenção de facilitar-lhe a leitura que determinou a introdução dos espaços entre as palavras e o uso da pontuação. As colocações esclarecedoras de Sanger sobre a relação entre usos de convenções gráficas e representação do leitor nos impelem a verificar, nos textos das crianças, a pontuação como um aspecto que merece ser relacionado à translineação.

Tendo construído o sistema de representação alfabética, como a criança continua processando os marcas que vão além dessa representação? Que concepções originais vai construindo sobre as convenções de translineação? À medida que a escrita adota uma definição *ad hoc* de “palavra” e convenções de translineação que não necessariamente coincidem com as noções intuitivas do aprendiz, estudos que tentem desvelar essas noções parecem-nos de interesse psicopedagógico, já que o ensino da ortografia de palavras, da segmentação, da translineação continua sendo prioritariamente colocado em termos dogmáticos por falta de investigações que possibilitem informações úteis sobre as representações linguísticas subjacentes ao uso da língua escrita.

Neste trabalho, portanto, pretendemos: (1) descrever as estratégias de translineação, relacionando-as a outros aspectos da aquisição ortográfica (segmentação de palavras) e da organização textual (pontuação); (2) identificar critérios quantitativos e qualitativos reguladores das translineações (quantidade e natureza dos elementos que são deixados ao final da linha gráfica e daqueles que são translineados), estabelecendo comparações entre os resultados encontrados

nos textos de crianças brasileiras com aqueles verificados em crianças falantes do espanhol; (3) descrever o padrão evolutivo do uso do hífen como marca de translineação.

2 MATERIAL E PROCEDIMENTOS

Nosso material de análise abrange 687 textos narrativos, a história “Chapeuzinho Vermelho”, produzidos em situação escolar por crianças (brasileiras, 275; mexicanas, 212; argentinas, 120; uruguaias, 80), de 2ª e 3ª séries, de escolas públicas e privadas, e coletados como parte de um amplo projeto comparativo entre as línguas portuguesa, espanhola e italiana (Ferreiro, Pontecorvo, Moreira e Garcia Hidalgo, 1996).

Para a análise dos dados foram utilizados procedimentos automáticos – os programas do Sistema *Textus* (Hidalgo, 1996) –, que permitem agrupar textos segundo as mais diversas variáveis e cruzar aquelas relevantes para verificar correspondências ou relações entre aspectos diversos – dos ortográficos aos textuais.

Nos diversos grupos de textos com translineação, procedeu-se à análise da quantidade dos elementos separados (número de letras), no final e início da linha; da natureza da separação – convencional, não convencional. Apenas nos textos brasileiros também foram analisadas a natureza do elemento em que se dá a separação: tônico X átono; vogal X consoante; onset X núcleo X rima; radical X não radical; a quantidade de hipo e hipersegmentação; a quantidade e variedade de sinais de pontuação.

3 RESULTADOS

3.1 Dados gerais

Embora o corpus brasileiro seja constituído por 558 textos, de 1ª à 4ª série, cujos dados referentes à translineação foram levantados, neste artigo faremos referência quase sempre somente aos textos, com ocorrências de translineação, de 2ª e 3ª, séries que constituem o corpus do espanhol, uma vez que é de nosso interesse confrontarmos os dados das duas línguas. A amostra do português se constitui de 133 textos (74 com hífen, 43 sem hífen, 16 com e sem hífen), e a do espanhol de 189 (89 com hífen, 73 sem hífen, 27 com e sem hífen)². Os das demais séries escolares serão mencionados apenas quando se fizerem necessários.

3.2 Grupos e tipos de separação

Focalizaremos inicialmente o tipo de separação – convencional ou não convencional – cruzando-a com o uso

² 142 textos do português e 213 do espanhol (de 2ª e 3ª) não apresentam qualquer ocorrência de translineação.

ou não do hífen, nos textos do português e do espanhol. Por separação convencional entenda-se aquela que obedece às regras ortográficas.

Quadro 1 - Tipo de separação e uso de hífen nos textos de 2ª e 3ª do português (em % sobre o total de cada subgrupo).

Português	sep. convencional	sep. não convencional	Ambas	Total de textos
com hífen	86	5	8	74
sem hífen	65	25	9	43
com e sem hífen	69	0	31	16
Total textos	103 (77%)	15 (11%)	15 (11%)	133

Do total da amostra do português, 77% dos textos que separam ao final da linha, o fazem em fronteira de sílaba gráfica, com ou sem hífen. As separações convencionais têm percentuais superiores nos textos que separam com hífen e inferiores nos que separam com e sem hífen. Esses textos também são os que apresentam mais separações convencionais e não convencionais (31%).

Quadro 2 - Tipo de separação e uso de hífen nos textos de 2ª e 3ª do espanhol.

Espanhol	Sep. conv.	sep. não conv.	ambas	Total
com hífen	64	15	21	89
sem hífen	61	13	25	73
com e sem hífen	44	7	48	27
Total textos	114 (60%)	25 (13%)	50 (26%)	189

Do total da amostra do espanhol, 60% dos textos que separam ao final da linha, o fazem em fronteira de sílaba gráfica, com ou sem hífen. Assim como na amostra do português, os percentuais superiores de separação convencional situam-se nos textos que separam com hífen, e os inferiores nos que o fazem com ou sem hífen. E também é esse grupo o que apresenta simultaneamente mais separações convencionais e não convencionais (48%).

Comparando estes percentuais com os de uso de hífen, encontramos, em ambas as amostras mais textos com separação convencional do que textos com hífen: 77% versus 56%, no português; 60% versus 47%, no espanhol. Em outras palavras é mais freqüente encontrar textos com separação convencional do que textos com hífen. Podemos inferir que a separação da palavra em sílabas é uma aquisição precoce. Já o uso do hífen exige a consideração para com outros aspectos, sobretudo os organizacionais.

Estes dados apontam para uma questão relevante. Numa perspectiva ingênua pareceria mais simples construir a noção de que se usa hífen para indicar uma partição de palavra do que saber selecionar em distintas estruturas silábicas o lugar onde se deve partir a palavra, pois enquanto as convenções relativas ao hífen são regulares, aquelas relativas à partição não o são.

Numa outra perspectiva não tão ingênua, podemos pensar que para usar o hífen indicador de partição é necessário considerar, como uma totalidade, a unidade palavra, respeitando-lhe os limites. Sabemos, no entanto, que esta unidade não é dada, mas está se redefinindo durante o processo de aquisição (Ferreiro, 1999). Já a sílaba, como segmento inferior à palavra, tem propriedades rítmicas fáceis de identificar mesmo pelos pré-alfabetizados. Assim, se em termos do normativo, o uso do hífen seria fácil, uma vez que é regular, em termos do saber lingüístico a noção de onde se separar é o que de fato parece ser fácil.

3.3 Separações não convencionais

Nos textos brasileiros e nos de língua espanhola, são pouco freqüentes as separações não convencionais. Para analisá-las tentamos primeiramente classificá-las com base na letra depois da qual se dava a partição – vogal ou consoante; em ambos os casos, a separação em sílaba final ou não final. No caso da vogal, as ocorrências em que esta fazia parte de um ditongo; no caso da consoante, aquelas em que esta fazia parte de um dígrafo.

Para facilitar a referência à parte da palavra que estamos focalizando, se a anterior ou a posterior, ou seja, se a parte que fica no final da linha ou a que fica no início da linha seguinte, utilizaremos os termos incompleta para a parte que fica no final e completante para a que fica no início. Assim, em *chape-_|_uzinho*, a parte incompleta corresponde à *chape-_|* e a completante corresponde à *_uzinho*.

3.3.1 Separação não convencional após uma vogal

Nas duas amostras, a separação não convencional após vogal ocorreu em sílaba final antes de consoante (p.ex., *vivera-_|_m*, *desataro-_|_n*), ou em sílaba final de ditongo (p.ex., *chego-_|_u*, *escondi-_|_o*). No primeiro caso (10 textos), a maioria no espanhol, predominaram as consoantes completantes *|_s* e *|_n*. No segundo (8 textos), com freqüência similar de ocorrências nas duas línguas.

A separação após vogal em sílaba não final foi mais freqüente do que em final (36 textos). Foram verificadas separação antes da rima silábica em 16 textos (p.ex., *flore-_|_sta*, *escucha-_|_rte*) e entre as vogais de ditongos em 20 (p.ex., *chape-_|_uzinho*, *abu-_|_elita*). No português, a separação antes da rima concentrou-se em palavras como *flore-_|_sta* e *gra-_|_nde*; já no espanhol a parte completante mostrou maior variação, por exemplo, *come-_|_rte*, *enco-_|_ntro*, *conte-_|_sta*, *encue-_|_ntres*. Entre vogais de ditongos, a maioria das separações pertencem aos textos do espanhol.

Nas 57 ocorrências de separação não convencional após vogal, houve apenas 5 casos, todos do espanhol, em que a separação se deu após 2 letras (p.ex., *ca-_|_ntaba*). Parece haver uma exigência de que 3 ou mais letras são necessárias antes da partição.

Em uma investigação paralela³, 11 crianças de 3ª série de uma escola privada de Fortaleza foram solicitadas a julgar diferentes partições de uma mesma palavra – aborrecimento – e a explicitar, por escrito, as razões para aceitá-las ou rejeitá-las. A partição *abo-_/rrecimento*, considerada correta por 64% das crianças, foi justificada por uma delas, Lia, com o argumento de que estaria correta “*porque a letras abo pode ficar sozinha porque da para formar o som e da para forma uma letra de tricilabas*”.

Lia usa letras para referir-se a sílabas ou a uma sequência de letras maior do que a sílaba. Ao dizer que “*abo*” dá para formar *uma letra de tricilabas*, o que parece querer dizer é que dá para formar uma sequência de 3 letras. A quantidade mínima de 3 letras seria, conforme mostram os dados, um dos critérios a considerar na partição de uma palavra.

3.3.2 Separação não convencional após consoante

A separação não convencional após consoante se deu com frequência similar àquela verificada após vogal (55 ocorrências ao todo). Em sílaba final foram encontradas 24 textos (p.ex., *cas-_/a*, *vov-_/ó*, *caperusit-_/a*, *camín-_/o*, *estornud-_/ar*). Esse tipo foi mais frequente no corpus do espanhol.

Também em sílaba final, 7 textos apresentam de separação após dígrafo (p.ex., *chapeuzinh-_/o*, *comill-_/os*). Talvez devido à maior incidência de dígrafos no português do que no espanhol, essa separação predominou nos textos do português. O mesmo se verificou na separação no interior de um dígrafo, com presença exclusiva nos textos do português (p.ex., *chapéuzin-_/ho*), mas verificada em apenas 2 textos (uma ocorrência em cada).

A separação não convencional após consoante em sílaba não final foi observada em 20 textos. São exemplos desse tipo: *vovóz-_/inha*, *chapeus-_/inho*, *caper-_/usita*, *len-_/ador*. Sua frequência foi maior no corpus do espanhol, e sua maior concentração se dá nos textos do grupo mais evoluído (7 textos da 3m contra 4 da 2b⁴).

O que observamos em relação à quantidade de letras na partição após vogal, repete-se na que se dá após consoante. Há apenas 3 ocorrências (3 textos) em que a parte incompleta apresenta menos de 3 letras: dois no português, *pr-_/a*, *d-_/ela* e um no espanhol, *un-_/a*.

Na maioria dos casos, quando a parte incompleta termina em vogal, a completante, iniciada por uma consoante, não está isolada mas acompanhada de outras letras (p.ex.,

flore-_/sta). Já quando a parte incompleta termina em consoante, a completante, iniciada por vogal, pode aparecer sozinha ou acompanhada de outras letras (p.ex., *cas-_/a* ou *d-_/ela*).

Os dados mostram que a separação após a consoante é mais frequente em sílaba final do que em não final (p.ex., *cas-_/a*, *abuelit-_/a*): 62% das ocorrências (34/55).

Quando a separação é após consoante, a completante é uma vogal sozinha ou uma vogal com uma consoante (p.ex., *olh-_/os*). Isso nos mostra que a quantidade exigida para a parte incompleta não é a mesma exigida para a parte completante: para a incompleta, três ou mais letras; para a completante, pode ser apenas uma. Em outras palavras, no final da linha não se deixam menos de três letras, mas no início da linha pode-se deixar até mesmo uma.

Essa preferência é interessante porque vai na direção exatamente oposta às convenções de separação das sílabas gráficas. As crianças são ensinadas a separar a-vó, e-la, ir-mão, o-lhos, u-ru-bu. No entanto, ao translinear, preferem *vermelh-_/o*, *olh-_/os*. Parece ser-lhes necessário garantir a preservação da palavra deixando o máximo de elementos ao final da linha.

Um tipo de separação curiosa, independentemente de ocorrer após vogal ou consoante, foi verificada em alguns textos do português e do espanhol. Trata-se da repetição de letra, sílaba ou parte da sílaba da parte incompleta na linha seguinte. No português isto verificou-se em três textos: *gra-_/grande* (p3m), *morav-_/va* (p2m), *cas-_/sa* (p2m). No espanhol a incidência, embora pequena, foi mais frequente: *esc-_/condio* (m3m), *dond-_/de* (a3m), *resp-_/pondio* (m3m), *cont-_/testo* (u3m), *ide-_/entica* (m3m), *Ccape-_/perusita* (m3b), *caper-_/rusita* (m2m), *abuel-_/la* (a2m), *chist-_/tes* (m2b)⁵. Observe-se que, dentre os 12 textos a apresentarem esta estratégia, 6 pertencem aos subgrupos mais evoluídos (3m e 2m), e apenas 1 aos menos evoluídos (2b).

3.3.3 Quantidade de letras no final e início da linha

O grau de autonomia gráfica da letra ou sequência de letras e a sua posição (final ou início de linha gráfica) parecem importar para a separação. Quanto maior autonomia, maior probabilidade de ser separado. E em se tratando de autonomia, a vogal o é. O quadro seguinte apresenta a quantidade de letras das segmentações não convencionais encontrada na parte incompleta e na completante.

³ Agradecemos a Maria Herotildes Moreira e Silva, pelos dados, provenientes de um trabalho realizado como exigência da disciplina de Mestrado “Língua Oral e Língua Escrita”, em 1999, a nós cedidos.

⁴ O algarismo arábico relaciona-se à série e a letra à classe social.

⁵ Os textos do espanhol foram codificados com base na letra inicial de cada país (m: México; a: Argentina; u: Uruguai). Já os brasileiros, com a letra inicial da língua (p: português). O número que segue a inicial refere-se à série (2: 2ª; 3: 3ª). A letra seguinte refere-se à classe social (b: baixa ou média baixa; m: média ou média alta).

Quadro 3 - Quantidade de letras nas partes incompleta e completante

Parte incompleta			Parte completante		
1 letra	2 letras	3 ou mais	1 letra	2 letras	3 ou mais
d- ela	bu- eno	com- ido	vov- o	deteng- as	mun- eca
0,7%	5%	94%	34%	12%	53%

Pode-se constatar que a quantidade de letras exigidas antes de partir a palavra é diferente da quantidade que pode restar. Isto parece ter a ver com a recuperabilidade da palavra. Quanto mais letras se deixa antes de parti-la, mais fácil se recupera não só o significado como também o som. É isto o que afirmam várias das crianças no experimento paralelo aludido.

Rejeitando a separação a-borrecimento, temos a resposta muito elucidativa de Cecília (9a; 3ª série): *Não pode separa da palavra porque se-não vai fica assim a-borrecido vai fica so o a e so vai te o som só do a depois não vai da para ler se quiser.*

Outras crianças também rejeitam essa separação, recorrendo a uma metalinguagem cujos conceitos ainda não estão dominados, como Janaína.

Janaína: *Porque as letras não podem ficar sosinhas pricipalmente as consuantes* (referia-se à vogal).

Outras ainda recorrem simplesmente ao critério de quantidade:

Lígia: *Porque não pode separá só uma letra.*

Ítalo: *Porque o a não pode ficar sozinho.*

Em relação à separação *abo-rrecimento*, Cecília também nos ajuda a compreender os critérios de separação. Segundo ela, a separação está correta “*porque faz o som melhor que da para entender*”.

É curioso observar que das diferentes separações propostas para a palavra *aborrecimento* (*a-borrecimento*, *abo-rrecimento*, *abor-recimento*, *aborr-ecimento*, *aborre-cimento*, *aborreci-mento*, *aborrecime-nto*, *aborrecimen-to*, *aborreciment-o*), as únicas que tiveram 100% de aceitação foram *aborre-cimento* e *aborreci-mento*. É nessas duas que parece haver maior equilíbrio na quantidade de letras que deve ficar em cada parte.

Esse critério de quantidade e localização (final e início de linha) também se verifica nas separações convencionais. Mas antes de explorá-las, temos ainda algo a comentar sobre a separação que envolve dígrafos.

3.3.4 Separação de dígrafos

No português, os dígrafos **rr**, **ss** separam-se, ficando um elemento na sílaba que os precede e outro na sílaba seguinte (p.ex., car-ro). Já os dígrafos **ch**, **lh**, **nh** não se separam (p.ex., cha-peuzi-nho verme-lho).

No experimento aludido, a separação *abo-rrecimento* teve maior aceitação do que *abor-recimento*, que seria a

convencional. Em algumas das justificativas para a rejeição de *abor-recimento* podemos perceber a necessidade sentida de preservar juntos os elementos constitutivos da unidade sílaba – onset e núcleo:

Lia: *porque não pode deixar uma letra com 2 r ceperada e um r sozinho e o outro na outra cilaba.*

Felipe: *porque não pode separar a silaba de uma letra que é da quela silaba.*

Lígia: *porque está separando uma silaba.*

Como justificativas para a aceitação de **abo-rrecimento**, temos:

Lígia: *porque pode separa abo de rrecimento. Porque não separa outra silaba.*

Diego: *porque ele tem par.*

As respostas acima são unânimes em considerar indissociável um dígrafo. É como se dissessem que não se pode separar aquilo que funciona como uma só unidade. Na verdade, não houve qualquer ocorrência de separação entre os elementos do dígrafo *qu*, de emprego muitíssimo freqüente tanto nos textos do português como nos do espanhol (*que*, *quando*, *quem*, *quién*, *bosque*, *esquecer*, *querer*, *quedar* etc.). Em trabalho anterior (Moreira, 1998) já havíamos observado que em 1456 ocorrências do dígrafo *qu* presentes em 275 textos, apenas 12 (1%) apresentaram desvios da forma convencional (uso de alternativa ortográfica, *ci*, *ce*, *cem* em vez de *que*, *quem*; preservação do *q* e eliminação do *u*, *qe*; uso de *qu* com valor de /ke/). Resultados semelhantes foram encontrados no espanhol (Ferreiro, 1999): apenas 2% de formas desviantes dentre 3023 ocorrências da palavra *que*.

Poderíamos pensar que o critério de quantidade impediria a separação deste dígrafo em posição inicial de palavra. Uma letra só na parte incompleta é rejeitada pelas crianças. No entanto, tanto no português como no espanhol, a conjunção *porque* aparece em muitos textos. Em muitos outros do português também ocorre a conjunção *enquanto* e o advérbio *aqui*; ainda são muito freqüentes as hipossegmentações em expressões interrogativas como *porque* (por que), *paraque* (para que), *oque* (o que). Nesses casos, uma separação depois da consoante *q* não infringiria o critério de quantidade. No entanto, não houve sequer uma ocorrência deste tipo.

Já o tratamento dado ao dígrafo *rr* é influenciado pelas instruções escolares. A resposta de Cecília é ilustrativa. Ela aceita *abo-rrecimento* segundo seus próprios critérios: “*porque faz o som melhor que da para entender*”. No entanto aceita também *abor-recimento*, seguindo as recomendações da mãe: “*Porque minha mãe sempre dis que se coloca(r) os dois r juntos não faz o som direito e se coloca(r) eles dois juntos não vai da para ler*”. Todas as crianças que rejeitaram a separação incorreta de *abo-rrecimento*, justificaram-se citando regras ortográficas:

Yanna: (está errado) *porque temos que separar um r.*
 Janaína: (está errado) *porque “rr” e “ss” temos que separar assim r-r / s-s.*

Nas separações não convencionais, os dígrafos apareceram 40 vezes em 30 palavras, em sua grande maioria do português. Apenas 2 vezes a separação se deu no interior do dígrafo *nh*: duas crianças de 3ª separaram *chapeuzin_/_ho*. As demais separações sempre preservaram o dígrafo: *chapeuzinh_/_o*, *chapeuz-_/_inho*, *comill_/_os*, *gorr_/_o*, *vermelh_/_o*, *qu_/_e*.

A palavra *Chapeuzinho* aparece separada de modo não convencional em 10 textos. Em nenhum desses casos houve separação quer no interior do dígrafo inicial, quer entre o dígrafo e a vogal da primeira sílaba, ou seja, *chapeuzinho*. Tais separações infringiriam tanto o critério de preservação do dígrafo como o de quantidade.

3.4 Separação convencional

Nos textos com separação convencional a palavra *Chapeuzinho* aparece translineada em 35 deles, com o total de 39 ocorrências. Há apenas 6 ocorrências da separação *cha-peuzinho*. Todas no grupo que separa regularmente com hífen. O mesmo critério de quantidade - não deixar menos de duas letras na parte incompleta - parece valer para o grupo de separação convencional, como podemos verificar nos quadros que se seguem.

Quadro 4 - Distribuição de palavras e textos do grupo de separação convencional com 1 ou 2 letras na parte incompleta (em porcentagem).

	1 letra		2 letras		totais dos grupos de separação convencional.	
	palavras	textos	Palavras	Textos	Palavras	Textos
Brasil	2%	4%	27%	37%	164	108
México	3%	4%	12%	11%	106	72
Argentina	6%	10%	17%	17%	63	30
Uruguai	7%	8%	00%	00%	15	12
Total	3%	5%	20%	24%	348	222

Os dados acima se referem tão somente ao grupo de separação convencional, com ou sem hífen, e falam por si. Mesmo que a separação seja convencional, as crianças evitam deixar uma só letra ou mesmo duas na parte incompleta.

Embora não seja possível comparar 1 letra na parte incompleta com 1 letra na parte completante nas palavras do grupo de separação convencional, pois nem o português nem o espanhol permitem essa separação (a não ser em hiatos na sílaba final, p.ex., português, *havi-a*; espanhol, *habí-a*), a comparação entre duas letras é possível.

Quadro 5 - Distribuição de palavras e textos com 2 letras na parte completante (grupo de separação convencional).

	palavras	textos
Brasil	50/164 (30%)	33/108 (30,5%)
México	36/106 (34%)	29/72 (40%)
Argentina	22/63 (35%)	13/30 (20%)
Uruguai	7/15 (47%)	5/12 (42%)
Total	115/348 (33%)	80/222 (36%)

No conjunto das amostras a frequência das palavras separadas com duas letras na linha de baixo (completante) é superior àquela com duas letras na linha de cima (33% versus 20% das ocorrências; 36% versus 24% dos textos). O mesmo já constatamos nas separações não convencionais. A idéia geral parece ser a de que, ao partir a palavra, é sempre melhor deixar mais letras no final do que no início da linha.

3.4.1 Extensão da palavra separada

Em todas as amostras há uma maior incidência de separações em palavras longas. As palavras com uma extensão entre 7 e 10 letras são as preferidas. Sobre elas incidem 60% das separações convencionais.

Quadro 6 - Número de letras por palavra (em % sobre os totais de palavras separadas).

	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	Totais
Brasil	11%	26%	31%	13%	18%	273
México	6%	10%	39%	36%	8%	277
Argentina	7%	33%	31%	26%	2%	151
Uruguai	5%	14%	24%	57%	0%	21
Total	8%	21%	34%	26%	10%	722

Esses resultados seriam de esperar. Se há uma preferência por deixar 3 ou mais letras tanto na parte incompleta como na completante, as palavras a separar forçosamente devem ter 6 ou mais letras. Nas amostras do Brasil e do México, as mais numerosas, apenas 15% das palavras separadas contêm de 3 a 5 letras. É a partir de 6 letras que os percentuais começam a subir.

Nos textos brasileiros essa tendência por separar palavras mais longas parece crescer com a escolaridade. Dentre as palavras separadas, têm 6 ou mais letras 67% das palavras da 2b; 82%, da 3b; 80% da 2m; 89%, da 3m.

Já havíamos verificado uma preferência por deixar mais letras no final do que no início da linha. Os resultados seguintes (só do português) ratificam claramente tal preferência.

Quadro 7 - Distribuição das letras nas linhas por grupo de separação (ocorrências)

	final > início	final < início	final = início	Total
sep. com hífen	55%	31%	14%	142
sep. sem hífen	55%	28%	17%	76
sep. com/sem	51%	31%	18%	55
Total	54%	30%	16%	273

Usar ou não hífen não parece interferir no número de letras que se deixa no final ou início da linha. Em todos os grupos a preferência é por deixar mais letras no final.

3.4.2 Tonicidade da sílaba

Outro fato comum à amostra do português diz respeito à tonicidade da sílaba. Em todos os grupos predomina a partição da palavra antes da sílaba tônica. São muito escassas as divisões entre sílabas átonas (ver quadro 8). É interessante constatar que dessas separações, praticamente a metade se dá no interior da própria sílaba (separações não convencionais).

Na verdade, o acento de intensidade cria um contraste entre sílabas contíguas (Câmara, 1977). Ora, elementos em contraste (átona X tônica ou tônica X átona) têm maior saliência perceptual do que os não contrastados (átona X átona). Assim não apenas fatores gráficos (quantidade de letras), mas também fonológicos parecem atuar na translineação.

Quadro 8 - Tonicidade da sílaba separada por grupo de separação.

	Tônica-Átona	Átona-Tônica	Átona-Átona	Total
com hífen	41%	45%	14%	142
sem hífen	37%	54%	9%	76
com/sem hífen	38%	49%	13%	55
Total	39%	48%	12%	273

A preferência pela separação na pré-tônica pode ser bem ilustrada com os dados de duas palavras do português – *Chapeuzinho*, *vovozinha* –, e uma do espanhol – *Caperucita*.

Quadro 9 - Separação convencional das palavras *Chapeuzinho* e *vovozinha*.

	Cha-peuzinho vo-vozinha	Chapeu-zinho vovo-zinha	Chapeuzi-nho vovozi-nha	Total
Com hífen	20%	64%	16%	25
Sem hífen	00%	64%	36%	11
Com/sem hífen	00%	87,5%	12,5%	8
Total	11%	68%	20%	44

Nas palavras *Chapeuzinho* e *vovozinha*, o percentual mais alto de separação ocorre entre pré-tônica e tônica, seguido daquele entre tônica e pós-tônica; o mais baixo, entre átona e átona. Além do fator tonicidade, também parece interferir a natureza do elemento separado – o morfema de diminutivo. Talvez isso explique uma menor concentração de separação antes da tônica, na palavra *Caperucita*, nos textos do espanhol que, contudo, apresentam uma distribuição semelhante àquela dos brasileiros. No geral, o mais alto percentual se verifica entre pré-tônica e tônica; o mais baixo, entre átona e átona.

Quadro 10 - Separação convencional da palavra *Caperucita* em textos de 2ª e 3ª (México, Argentina, Uruguai).

	Ca-perucita	Ca-pe-ru-cita	Ca-peru-cita	Caperuci-ta	Total
Com hífen	2%	30%	46%	22%	46
Sem hífen	0	26%	26%	48%	27
Com/sem hífen	11%	28%	28%	33%	18
Total	3%	29%	36%	32%	91

Apesar da distribuição mais uniforme, pode-se observar que, assim como nos textos brasileiros, a separação mais freqüente ocorre entre sílabas em contraste. *Caperucita* (átona-tônica) e *Caperuci-ta* (tônica-átona) respondem por 68% das separações, enquanto *Ca-perucita* (átona-átona) e *Ca-pe-ru-cita* (átona-átona) respondem por apenas 32%.

3.5 Separação e segmentação de palavras

Distribuindo os textos dos vários grupos em: textos com segmentação convencional; textos com segmentação quase convencional (hipossegmentações + hipersegmentações igual ou menor do que 3); e textos com segmentação não convencional (hipo+hiper igual ou maior do que 4), podemos verificar que o grupo com o maior percentual de textos com segmentação convencional é o de separação com hífen, e com segmentação não convencional é o de separação sem hífen.

Quadro 11 - Distribuição dos textos brasileiros por tipo de segmentação segundo os grupos

	Segmentação convencional (hipo+hiper = 0)	Seg. quase convencional (hipo+hiper <= 3)	Seg. não convencional (hipo+hiper >= 4)	Total
com hífen	28%	54%	18%	74
sem hífen	16%	30%	53%	43
com/sem hífen	6%	50%	44%	16
sem sep.	27%	45%	28%	142

Podemos recorrer às segmentações não convencionais para agrupar os textos segundo a dominância da segmentação. Aqueles com hipossegmentação exclusiva, em conjunto com os que hipossegmentam mais do que hipersegmentam seriam classificados como textos cuja tendência à hipossegmentação dominaria sobre a tendência à hipersegmentação; por outro lado, aqueles com hipersegmentação exclusiva, em conjunto com os que hipersegmentam mais do que hipossegmentam teriam uma tendência inversa à do primeiro grupo.

Quadro 12 - Distribuição dos textos brasileiros com segmentação não convencional.

	só hipo	hipo > hiper	tendência hipo	só hiper	hiper > hipo	tendência hiper	hipo = hiper
com hífen	60%	15%	75%	11%	4%	15%	10%
sem hífen	28%	36%	64%	11%	8%	19%	17%
com/sem hífen	40%	7%	46%	7%	7%	14%	40%
sem sep.	59%	25%	84%	11%	0%	11%	5%

Todos os grupos, independentemente do uso ou não do hífen, hipossegmentam mais do que hipersegmentam. Entretanto, o grupo com maior tendência a hipossegmentar é o que não separa em final de linha⁶ (84% dos textos)⁷; com maior tendência a hipersegmentar aparece o grupo que separa sem hífen. Podemos pensar que a tendência a unir indevidamente mais do que a separar relaciona-se à rejeição pela translineação; já a tendência a separar mais do que unir se relaciona à separação sem hífen.

Vimos anteriormente que o grupo que separa com e sem hífen é, tanto nos textos do português como nos do espanhol, o que apresenta maior incidência de separação não convencional. E é justamente este grupo o que apresenta um maior percentual de textos cujos valores de hipo iguam os de hiper, ou seja, textos em que há tantas palavras indevidamente unidas como indevidamente separadas (40% dos textos). Essa porcentagem alta de textos excede em muito o que encontramos nos textos das mesmas crianças brasileiras quando consideramos o conjunto de textos de 2^a e 3^a, independentemente da variável translineação. Apenas 9% desses textos apresentam valores de hipo iguais aos de hiper (Ferreiro e Pontecorvo, 1996).⁸ Esse pequeno grupo que ora usa hífen, ora não usa, ora junta indevidamente as palavras, ora as segmenta, ora as separa de modo convencional, ora de modo não convencional parece se encontrar em momento de grande instabilidade segmentar que, como dizem Ferreiro e Pontecorvo (1996), pode ser vista em sentido positivo: estão experimentando, em sua produção escrita, segmentações possíveis segundo uma multiplicidade de critérios ainda não hierarquizados.

A dominância de hipossegmentações, encontrada em todos os grupos, parece mostrar a complexidade de identificar o que deve ser separado no contínuo, especialmente se os itens a separar não são dotados de carga semântica, mas cumprem funções relacionais (p.ex., *si/vistiu*, *por/ali*, *a/tardinha*, *e/leve*).

Dentre os textos com separação não convencional na translineação, praticamente a metade (54%) apresenta segmentação convencional. Por outro lado, dois terços dos textos (32%) com separação convencional na translineação não segmentam convencionalmente as palavras. Este parece ser um dado que aponta para a inexistência de uma relação entre separação de sílaba e segmentação de palavra. Um outro seria a quantidade de elementos separados.

Enquanto nas segmentações não convencionais predominam as seqüências de 1 a 2 elementos, preferentemente em posição anterior, nas separações não convencionais são raras essas seqüências nessa posição. Em outros termos, os critérios usados para translinear a palavra são diferentes daqueles usados para segmentá-la.

Se consideramos que translineação e segmentação envolvem diferentes unidades lingüísticas – na translineação, a sílaba; na segmentação, a palavra – e que a unidade sílaba tem maior estabilidade perceptual do que a unidade palavra, podemos compreender os resultados encontrados: crianças com muitas segmentações não convencionais de palavras são capazes de separar convencionalmente as sílabas.

Embora a separação convencional ou não convencional não pareça relacionada à segmentação, o tipo de separação – com ou sem hífen – apresenta resultados que apontam na direção dessa relação: o grupo com hífen é o que apresenta o maior percentual de textos com segmentação convencional. Essa relação supomos vinculada a um maior desenvolvimento em termos de língua escrita, que pode ser evidenciado pelo uso de recursos exclusivos da escrita, como os sinais de pontuação ou de formatação do texto.

3.6 Uso do hífen e de outras marcas gráficas delimitadoras do texto

Já sabemos que as primeiras marcas gráficas usadas como delimitadoras do texto são a maiúscula inicial da primeira palavra do texto e o ponto final após a última palavra do texto (Ferreiro, 1991, 1996; Weisz, 1998). Esta maiúscula inicial, não a inicial das frases no interior do texto, pode não ser acompanhada do ponto que marca o seu final. Reconhecemo-la, assim como o fazem Catach (1980) e Nunberg (1990), como parte do sistema de pontuação, em que cada elemento é definido em função do contraste que estabelece com outros elementos em um determinado contexto.

Quer a inicial maiúscula seja usada, como diz Weisz (1998, p.129), “numa espécie de convencionalidade ‘em si’”, quer seja usada com a função de marcar o início do texto, o fato é que é um dos primeiros elementos de organização textual usados pelas crianças, como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro 13 - Distribuição dos textos segundo o uso de maiúscula inicial (MI) e/ou ponto final de texto (PUF) nos textos de 2^a. e 3^a.

	MI e PUF	MI (PUF=0)	PUF (MI=0)	MI=0 PUF=0
com hífen (n=74)	73%	26%	1%	0%
sem hífen (n=43)	56%	32%	0%	12%
com e sem (n=16)	56%	38%	0%	6%

⁶ Incluímos nessa análise os 142 textos de 2^a. e 3^a. que não apresentam translineação.

⁷ A porcentagem de textos com tendência à hipossegmentar mais do que a hipersegmentar é de 75% na totalidade dos textos brasileiros de 2^a e 3^a. séries (Ferreiro e Pontecorvo, 1996).

⁸ A porcentagem de 9% de textos como hipo = hiper é bastante próxima daquelas encontradas em crianças mexicanas (7%), italianas (8%), uruguaias (8%), das mesmas séries.

O uso de maiúscula e ponto final é mais freqüente do que o de maiúscula sem ponto final. O emprego desses dois delimitadores do texto encontra o percentual mais alto nos textos que separam com hífen; o mais baixo, nos que separam sem hífen. Estes resultados são corroborados pelos dados dos textos com separação do corpus brasileiro em sua totalidade (textos de 1ª à 4ª séries): 74% dos textos que separam com hífen usam maiúscula inicial e ponto final; apenas 43% dos sem hífen apresentam os mesmos elementos.

Esses resultados mostram uma relação entre uso de hífen e de marcas delimitadoras do texto. Assim como a maiúscula e o ponto final são exigências de ordem gráfica que têm a ver com a organização do todo, o hífen tem a ver com a organização das partes. Assinala-se o todo com a maiúscula inicial e o ponto final. Assinalam-se as partes com hífen.

É de se esperar que haja uma relação entre os dados acima e os demais sinais de pontuação. Vejamos, portanto, como se apresentam os dados dos diferentes grupos, de 2ª e 3ª séries, quanto à extensão do texto (LEX_O)⁹, quantidade de sinais de pontuação (PONT_O), que inclui pontos e espaços de início, final de linha e centralização, variedade de sinais de pontuação (PONT_T), quantidade de sinais exclusivamente de pontuação (PONT_PL).

Quadro 14 - Distribuição das médias de palavras, pontos (quantidade e variedade) nos grupos com hífen, sem hífen, com e sem hífen.

Número de textos	LEX_O	PONT_O	PONT_T	PONT_PL
Com hífen (N=74)	150,3	24,4	6,9	15,8
Sem hífen (N=43)	132,9	7,1	3,2	4,6
Com/sem hífen (N=16)	169,3	10,9	4,3	8,1

Os resultados mostram que, embora os textos mais longos pertençam ao grupo com e sem hífen, o grupo com hífen é o que apresenta a maior quantidade (PONT_O) e variedade de sinais de pontuação (PONT_T). Também detém a média mais alta de pontuação plena (PONT_PL), ou seja, sinais de pontuação exclusivos. Por outro lado, as médias inferiores estão sempre no grupo que separa sem hífen. Enquanto no grupo com hífen os textos apresentam em média 6,2 palavras para cada ponto ou espaço e 9,5 palavras para sinais de pontuação exclusivos, no grupo sem hífen aparecem em média 18,7 palavras para cada ponto ou espaço e 28,8 palavras para sinais de pontuação exclusivos. O grupo com e sem hífen aproxima-se mais do sem hífen, com as médias de 15,5 e 20,9.

Sendo o hífen um indicador de partes de um todo e um organizador gráfico, é de supor que também se relacione com outras marcas que organizam graficamente o texto, como espaços de formatação e pontos internos ao texto seguidos de maiúscula. Vejamos os resultados do uso de: espaço inicial (SPI) – uma marca que assinala o início de pa-

rágrafo, concorrendo com a maiúscula inicial, assinaladora do início de sentença; espaço final assinalador de parágrafo (SPF); ponto final de sentença e de linha seguido de maiúscula na linha abaixo (PUAA); ponto final de sentença seguido de maiúscula na mesma linha (PUSS).

Quadro 15 - Distribuição da freqüência média de espaços e pontos nos grupos (2ª e 3ª séries)

	SPI		SPF		PUAA		PUSS	
	N	média	N	média	N	média	N	média
Com hífen (74)	225	3,0	295	3,98	224	3,0	175	2,36
Sem hífen (43)	10	0,2	41	0,95	34	0,79	20	0,46
Com e sem (16)	8	0,5	13	0,81	14	0,87	10	0,62

O grupo que separa com hífen usa significativamente mais sinais indicadores de organização gráfico-textual do que os demais grupos, delimitando o texto com espaços antes e no final de parágrafos e com pontos seguidos de maiúsculas. O grupo que separa sem hífen se situa no extremo oposto.

4 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Nos textos das 4 séries, das duas classes sociais, há uma progressão de textos sem separação para textos com separação. De uma nítida preferência por não separar, nas primeiras séries, passa-se aos poucos a optar pela separação da palavra no final da linha (4ªs. séries). Ao separá-la, desde cedo as crianças usam o hífen. A separação sem hífen mais do que com hífen somente aparece nos textos de 1b, 2b e 1m, justamente os das crianças que têm menor experiência com a língua escrita.

No confronto entre textos com separação, do português e do espanhol (2ª e 3ª séries), predominam as separações convencionais, e estas são sempre mais freqüentes no grupo que separa com hífen. No entanto, não o são no grupo que separa sem hífen, mas sim naquele que separa com ou sem hífen. Também é esse grupo o que apresenta maior percentual de textos com separação não convencional.

Na análise das separações não convencionais, o percentual mais alto encontra-se naquela que se dá entre consoante e vogal de sílaba final, por exemplo, *cas-/_a*. Pôde-se observar também uma interferência das variáveis posição e quantidade de letras. Nos textos do português, como nos do espanhol, são mais freqüentes as separações que deixam uma ou duas letras na parte completante (linha debaixo) do que na incompleta (linha de cima).

Os dígrafos do português, de letras dobradas ou não, são considerados um bloco não separável. Assim as crianças preferem separar *carr-/_o*, em vez de *car-/_ro*.

Tanto no português como no espanhol, para translinear uma palavra importa a sua extensão. Quanto mais longas, mais freqüentemente são separadas. Cerca de 90% das palavras separadas têm 6 ou mais letras.

⁹ LEX_O significa o total de ocorrências de vocábulos normalizados.

As separações, convencionais ou não, do português se dão preferentemente entre pré-tônica e tônica. Mas é na separação entre átonas que se inclui praticamente a metade das não convencionais.

A segmentação convencional não se relaciona à separação convencional, mas sim ao uso do hífen. A esse uso também se relaciona o emprego da pontuação e as marcas de delimitação gráfica do texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação das sílabas nas palavras é bastante anterior à identificação de palavras gráficas. Nos textos de 2ª e 3ª, tanto do português como do espanhol, os problemas de segmentação (hipo e hipersegmentações) são frequentes. No entanto, são poucos os textos com separações não convencionais. Se há muito poucos problemas de separação de uma palavra em duas partes ao final da linha, a separação convencional não é indicador confiável de desempenho ortográfico.

Nas separações (com ou sem hífen), constatamos critérios originais encontrados tanto nos textos do português como nos do espanhol. O mais interessante deles é a exigência de uma quantidade mínima de letras a deixar na parte da palavra que fica no final da linha. Essa exigência, contrariando as regras de translineação, que jamais proíbem deixar uma sílaba de duas letras no final da linha, já fora verificada durante a construção do sistema alfabético de escrita (Ferreiro, diversos trabalhos). Crianças pré-alfabetizadas rejeitavam como palavra seqüências gráficas constituídas por menos de 3 letras.

Se concordamos com o modelo da retenção de Ochs (1979), que propõe não serem descartadas em fases posteriores as estratégias aprendidas e usadas em fases anteriores, também podemos pensar que estratégias originais não-aprendidas, ou seja, exigências originais anteriores tampouco são descartadas em fases posteriores – aquilo que era exigido para que uma seqüência gráfica pudesse ser lida, permanece sendo exigido para que uma palavra possa ser translineada.

Por outro lado, o uso do hífen, nos dados amostrais, se relaciona claramente ao de outros elementos ortográficos e organizacionais do texto. Os melhores indicadores se encontram nos textos que separam com hífen. Os piores situam-se no grupo que separa sem hífen. Isso se verifica tanto no que concerne à segmentação de palavras, como em relação à pontuação e à delimitação gráfica do texto.

O uso do hífen como indicador de desenvolvimento ortográfico é, sem dúvida, uma contribuição deste estudo para a avaliação de textos produzidos por crianças. Julgamos que uma palavra separada de modo não convencional tem maior saliência visual na correção de redações escolares do que uma palavra separada de modo convencional mas sem o hífen. E, por ter maior saliência, é mais focalizada nas atividades instrucionais de escrita. No entanto, a pre-

sença regular dessa pequena marca gráfica – hífen – é um índice valioso de consideração do redator para com a organização do texto. Seu uso parece conjugado a exigências de delimitações gráficas, organizacionais do texto, que a criança começa a atender: pontuação, maiúscula, espaços de formatação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. (1977) *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis, Vozes.
- CATACH, Nina. (1980) *La Ponctuation. Langue Française*. Paris, Larousse, 45: 16-27.
- FERREIRO, Emilia. (1991) *L'uso della pteggiatura nella scrittura di storie di bambini di seconda e de terza elementare*. In M.Orsolini & C.Pontecorvo (Orgs.) *La costruzione del texto scritto nei bambini*. Firenze, La Nuova Italia. p.233-58.
- _____. (1996) *Os limites do discurso: pontuação e organização textual*. In E.Ferreiro et al., *Chapeuzinho vermelho aprende a escrever – estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo, Ática.
- FERREIRO, Emilia e PONTECORVO, Clotilde. (1996) *A segmentação em palavras gráficas*. In E. Ferreiro et al. *Chapeuzinho vermelho aprende a escrever - estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. 1996. São Paulo, Ática, p.38-66.
- HIDALGO, Isabel Garcia. (1996) *O sistema textus*. In E. Ferreiro et al. *Chapeuzinho vermelho aprende a escrever - estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. 1996. São Paulo, Ática, p.190-220.
- KAUFMAN, Ana Maria. (1988) *No es bueno que una letra esté sola... notas de una investigación sobre ortografía. Lectura y Vida*. Delaware, IRA, p.4-14.
- LUFT, Celso Pedro. (1985) *Grande manual de ortografia Globo*. Rio de Janeiro, Globo.
- MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. (1998) *As distinções entre o sistema gráfico e o ortográfico*. Trabalho apresentado na Giornate di Studio Dipartimentali - Lingua Parlata, Lingua Scritta: Rapporti e Confronti. Università di Roma La Sapienza.
- NUNBERG, Geoffrey. (1990) *The linguistics of punctuation*. CLSI lecture notes no. 18. Stanford University.
- OCHS, Elinor. (1979) *Planned and unplanned discourse*. In T.Givón (Org.). *Syntax and semantics – discourse and syntax*. New York, Academic Press.
- SANGER, Paul. (1985) *A separação entre palavras e a fisiologia da leitura*. In D.R. Olson e N. Torrance. (Orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo, Ática.
- WEISZ, Telma. (1998) *Relações entre aspectos gráficos e textuais: a maiúscula e a segmentação do texto na escrita de narrativas infantis*. São Paulo, USP. Tese de Doutorado.